

Terceira idade e fosso geracional

Beatriz Padilla*

Alguns mitos rodeiam a vida dos imigrantes, mas destes sobressaem dois: o trabalho e, consequentemente, a juventude que viabiliza o poder trabalhar; e o retorno ao país de origem.

Por isso, quando se pensa em imigrantes, o comum é fazê-lo em relação a quem chega a um país, cheio de energia para trabalhar, e com disposição para fazer qualquer tipo de trabalho. Assim, é o trabalho que legitima, de certa maneira, o imigrante, tanto perante a sociedade de acolhimento como perante o próprio, porque é o trabalho, no geral (e reconhecendo que há muitas outras causas), que leva o imigrante a sair do país à procura de novos horizontes.

No entanto, o imigrante, como todo o ser humano, envelhece e é confrontado com situações que não previu ao longo da sua experiência migratória e que se relacionam com os mitos mencionados. Por um lado, o facto de ser associado ao trabalho leva a que, quando idoso, seja percebido como parte de uma terceira idade "ilegítima", porque não trabalha ou não pode trabalhar, e por essa razão não terá direito a estar no país de destino. Por outro, coloca-se o facto de o imigrante não retornar ao país de origem devido a uma série de motivos que incluem ter os filhos e netos no país de destino, conhecer e estar adaptado ao país de residência, o sistema de saúde do país de acolhimento poder ter melhores condições do que o do país de origem, entre outras. Assim, estas situações acrescentam fragilidade e stress ao já complexo processo de envelhecimento.

Durante o trabalho de campo e investigação que desenvolvi no Vale da Amoreira há já alguns anos, onde tantas vezes regresso e onde ainda mantenho contacto com alguns jovens, conheci o CRIVA (Centro de Reformados e Idosos do Vale da Amoreira). O Vale da Amoreira é um bairro muito interessante e com características singulares porque resume a história recente de Portugal. Começou a ser construído nos anos de 1960, quando chegaram os primeiros imigrantes das ex-colónias portuguesas em África (embora na altura fossem cidadãos portugueses). Recebeu muitos retornados nos anos 1970 e, posteriormente, acolheu tanto portugueses como imigrantes e seus descendentes. Hoje, é um bairro que celebra a convivência intercultural, como bem fui constatando nas celebrações das Festas Multiculturais do Vale da Amoreira, em junho de cada ano.

A riqueza que encontramos no bairro é a convivência entre pessoas de diferentes origens, assim como também a convivência entre diferentes gerações. Tal como noutros

* Investigadora no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL), ISCTE-IUL (beatriz.padilla@iscte.pt).

bairros, há muitos idosos no Vale, mas, ao contrário de outros, também há jovens no Vale. Isto é muito importante porque o contacto entre gerações é um elemento que facilita, entre outras coisas, o envelhecimento ativo, permitindo aos idosos desempenhar funções que a sociedade valoriza, partilhando o seu espaço e o seu tempo, e afastando o fantasma do isolamento e do abandono.

O trabalho social desenvolvido no Vale da Amoreira é geralmente feito em colaboração entre muitas e diferentes associações existentes (apesar das diferenças que possa haver entre elas), desde aquelas dedicadas e integradas por jovens e adultos, até àquelas onde os idosos participam e são o público-alvo, nas quais os imigrantes de todas as idades estão envolvidos. A festa de Natal, as festas multiculturais, a celebração da independência de Angola, as atividades de verão, entre muitas, são bons exemplos do trabalho de cooperação associativa. Em relação ao CRIVA, deve-se destacar o trabalho que desenvolve, por um lado, com os idosos do Vale da Amoreira, mas sobretudo pela sua presença e envolvimento em atividades que facilitam o intercâmbio e a ligação intergeracional. A ponte entre as gerações é uma forma concreta de reduzir o isolamento a que geralmente está exposta a terceira idade e de valorizar o contributo dos mais velhos, atenuando o fosso geracional característico dos nossos dias. Lembro-me ainda de um dia, já no início de setembro, de um convívio intergeracional e intercultural que teve lugar no CRIVA, quando os jovens que tinham participado nas atividades de verão organizadas pelo programa Bairros Críticos apresentaram um sarau de danças africanas e *hip-hop*. Já no fim do espetáculo o deleite do público, constituído especialmente pelos idosos e avós do Vale da Amoreira, era tal que, na parte final, espetadores e artistas partilharam a dança e a música que lhes era familiar, a uns por lhes lembrar a terra natal, aos outros por as terem apreendido em casa ou nas aulas de verão que acabaram nesse próprio dia.

Os imigrantes idosos, tal como os idosos no geral, podem e devem ter um papel na sociedade, não de vítimas, mas de cidadãos presentes e ativos, tanto quanto possível, enaltecendo a transmissão de valores como o respeito, o amor e o carinho, assim como também a memória, as histórias, a música, a dança e os costumes dos países de origem e de destino.